

MANUEL BANDEIRA

CANTIGA

Nas ondas da praia  
Nas ondas do mar  
Quero ser feliz  
Quero me afogar.

Nas ondas da praia  
Quem vem me beijar?  
Quero a estrela d'alva  
Rainha do mar.

Quero ser feliz  
Nas ondas do mar  
Quero esquecer tudo  
Quero descansar.

BOI MORTO

Como em turvas águas de enchente  
Me sinto a meio submergido  
Entre destroços do presente  
Dividido, subdividido,  
Onde rola, enorme, o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Árvores da paisagem calma,  
Convosco - altas, tão marginais!-  
Fica a alma, a atônita alma,  
Atônita para jamais  
Que o corpo, esse vai com o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto,

Boi morto, boi descomedido,  
Boi espantosamente, boi  
Morto, sem forma ou sentido  
Ou significado. O que foi  
Ninguém sabe. Agora é boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto!

*Estrela do mar*

*Opus 10*

## O RIO

Ser como o rio que desflui  
Silencioso dentro da noite.  
Não temer as trevas da noite.  
Se há estrelas nos céus, refleti-las.  
E se os céus se pejam de nuvens,  
Como o rio as nuvens são água,  
Refleti-las também sem mágoa  
Nas profundidas tranquilas.

## O HOMEM E A MORTE

O homem já estava acamado  
Dentro da noite sem cor.  
Ia adormecendo, e nisto  
À porta um golpe soou.  
Não era pancada forte.  
Contudo, ele se assustou,  
Pois nela uma qualquer coisa  
De pressago adivinhou,  
Levantou-se e junto à porta  
- Quem bate? ele perguntou.  
- Sou eu, alguém lhe responde.  
- Eu quem? torna. - A Morte sou.  
Um vulto que bem sabia  
Pela mente lhe passou:  
Esqueleto armado de foicxe  
Que a mãe lhe um dia levou.  
Guardou-a de abir a porta,  
Antes ao leito voltou,  
E nele os membros gelados  
Cobriu, hirto de pavor.  
Mas a porta, manso, manso,  
Se foi abrindo e deixou  
Ver - uma mulher ou anjo?  
Figura toda banhada  
De suave luz interior.  
A luz de quem nesta vida  
Tudo viu, tudo perdoou.  
Olhar infável como  
De quem ao peito o criou.  
Sorriso igual ao da amada  
Que amara com mais amor.  
- Tu és a Morte? pergunta.  
E o Anjo torna: - A Morte sou!  
Venho trazer-te descanso  
Do viver que te humilhou.  
- Imaginava-te feia,  
Pensava em ti com terror...  
És mesmo a Morte? ele insiste.  
- Sim, torna o Anjo, a Morte sou,  
Mestra que jamais engana,  
A tua amiga melhor,  
E o Anjo foi-se aproximando,  
A fronte do homem tocou,  
Com infinita doçura  
As magras mãos lhe compôs,  
Depois com o maior carinho  
Os dois olhos lhe cerrou...  
Era o carinho infável  
De quem ao peito o criou.  
Era a doçura da amada  
Que amara com mais amor.